

residencial

Política
SUCESSÃO

Os candidatos no pente fino dos empresários

Cientistas políticos, analistas e escritórios de consultoria trabalham para suprir os empresários de análises e informações sobre a sucessão presidencial.

O mercado da futurologia política está em alta. Quanto mais se aproxima o dia da escolha do próximo presidente da República tanto maior é a busca de avaliações do quadro sucessório por empresas e empresários. Cientistas políticos, analistas e escritórios de consultoria, muito bem remunerados, desdobram-se em palestras e textos para suprir esse público com informações. O futuro das empresas e a estratégia a adotar, neste momento, depende do perfil e das idéias do novo presidente.

Aureliano Chaves, por exemplo, reergueria o Proálcool. Leonel Brizola retomaria o investimento estatal na economia. Mário Covas taxaria mais o capital. Fernando Collor poderia insistir no congelamento de preços. Luís Inácio Lula da Silva teria dificuldades de testar seu programa socialista no sistema capitalista. Ulysses Guimarães estimularia o diálogo entre capital e trabalho. Tudo isso pode se extrair dos estudos já produzidos — a maioria deles abordando, em comum, o quadro de dificuldades estruturais (novos poderes do Congresso) e conjunturais (descontrole econômico) que o novo presidente herdará no próximo ano.

Ney Figueiredo, consultor das principais entidades empresariais do País (Fiesp, Febraban, CNI), cobra 2 mil dólares no câmbio oficial correspondentes, hoje, a NCz\$ 2,770 por duas horas de palestra, geralmente encomendada por grupos estrangeiros. Figueiredo despreza as pesquisas de intenção de voto, lembrando que 60% delas falharam em 1985. Mas leva muito em conta as pesquisas que traçam o perfil do eleitorado: elas indicam que cerca de 80% dos eleitores são analfabetos, sabem apenas assinar o nome ou têm apenas o primário completo. É um eleitorado sem convicção ideológica, sujeito ao apelo partidário, à televisão e aos movimentos de massa. Ele já viu gente



Maurício Claretto/AE



Monica Maia/AE

Figueiredo (à esquerda) e Faria (à direita): análises em dólares.

tomando "chá de Arraes" — do governador de Pernambuco, Miguel Arraes. A pessoa pega a foto do homem, ferve e bebe a água. Por tudo isso, Figueiredo analisa que este eleitorado pode mudar a qualquer momento.

Em 1988, 57% dos eleitores brasileiros votaram nos candidatos de esquerda e centro-esquerda, enquanto 37% ficaram com os conservadores. Essa maioria, para Figueiredo, não quer mensagem do tipo Afif Domingos Ronaldo Caiado. Pela primeira vez no País, o eleitorado se preocupa mais com a corrupção do governo do que com a violência nas cidades. O presidente, partidos, políticos, Congresso têm imagem negativa. "Collor encarnou isso com a ajuda da Rede Globo. Daí o seu sucesso", diz Figueiredo — Mesmo assim, a situação do ex-governador de Alagoas não é tranqüila.

Na corrida presidencial, Collor pode tropeçar em perigosos dossiês que seus adversários preparam. "Como deputado fede-

ral, ele foi duas vezes ao Congresso; serviu a todos os governos desde 1964; era garoto de recados de ex-governadores de Alagoas; foi mau prefeito de Maceió e um péssimo governador", analisa Figueiredo. Se nos próximos 30 dias Collor continuar em primeiro lugar, sua candidatura se solidifica. Assim ele acabará conseguindo um grande partido, importante em eleição solteira (só de presidente), e ajuda financeira dos empresários.

Tudo, porém, ainda é uma incógnita, já que é impossível, no Brasil de hoje, prever o que acontecerá no mês seguinte. Figueiredo diz aos clientes que o melhor candidato é Covas — bem cercado, tem bons quadros e um belo programa —, mas sem chances porque o PSDB foi transformado num clube e ficou inviável. Brizola (como Collor) ainda não convenceu o empresariado. Sua mensagem é popular, mas ele diz que não vai fazer besteiras porque também é empresário, grande ex-

portador de carne, que foi governador e não fez loucuras. Lula tem contra ele o mau desempenho das prefeituras conquistadas no ano passado e Ulysses, o fato de ter sido "primeiro ministro" de Sarney. O vice Waldir Pires, ex-governador da Bahia, quarto colégio eleitoral do País, lhe dá chance de chegar ao segundo turno.

Campanha travada

Também para José Eduardo Faria, professor da USP e jornalista, Covas é o candidato mais coerente. Seu partido reúne maior número de políticos modernos, com formação superior e experiência administrativa. Faria elaborou uma análise de 70 páginas, encomendada pelo Senprel, escritório de consultoria do ex-ministro das Comunicações, Said Farhat, pela qual recebeu cerca de 2 mil dólares.

Faria prevê que o debate político será marcado pela irracionalidade, demagogia e populismo: "Com a economia estagnada

e um sentimento geral de frustração, a campanha acabará travada em meio a retóricas mudancistas, socializantes e progressistas", diz. Ele identifica dois tipos de candidatos, todos anacrônicos. Uns pragmáticos e aproveitadores com discurso de igualdade e justiça social; outros ingênuos, que pretendem transformar o liberalismo clássico, de inspiração oitocentista, na única forma possível de capitalismo.

A análise de Faria é realista. Se não souber negociar maioria parlamentar, o próximo presidente será prisioneiro do Congresso, provocando uma crise institucional semelhante à de 1961 com Jânio Quadros. Para ele, Afif é uma aposta no escuro, com dificuldades de expandir a ideologia liberal. Um dos problemas é a inspiração clássica do liberalismo que não admite planejamento nem atividade reguladora do Estado. Ulysses adotará uma retórica progressista e de grande estadista, enquanto Brizola insistirá

nas propostas populistas e no esquerdismo primitivo. "Mas não confrontará com a burguesia de quem vai precisar para governar e que, atrelada a um Estado cartorial, também dele precisaria". Lula, por sua vez, viverá um dilema: os petistas aceitarão a "democracia burguesa" em caráter permanente ou apenas estratégico, para mostrar bom desempenho nas prefeituras?

Elaborada antes do favoritismo de Collor, a análise de Faria não aborda a candidatura do ex-governador de Alagoas. O mesmo acontece com "Radiografia do Poder", título de uma brochura de 301 páginas, editora Ta-ma, ao preço de NCz\$ 150 por exemplar. "Vamos atualizar em agosto quando o quadro estiver mais definido", afirma Alexis Cavicchini, diretor da empresa. "Radiografia do Poder", além de estampar os perfis dos eventuais candidatos, por ter sido editada antes das convenções partidárias, é uma extensa pesquisa da história política recente do País. Apresenta dados sobre a origem e programa dos partidos, criação de entidades de classe, crescimento do sindicalismo, situação da Igreja e o desmembramento das esquerdas.

Mais precavida, a CLA Comunicações, de São Paulo, vendeu a 150 empresas, em abril passado, por NCz\$ 138 o exemplar, um estudo reservado contendo a biografia e o tipo de governo de cada candidato — e ressaltou que no caso de crescimento dos menos cotados, à época, enviaria, sem ônus, a análise correspondente. Também a Goes, Piquet e Lobo, do Rio de Janeiro, vem alimentando grandes grupos com informações sobre o quadro sucessório. Todos esses trabalhos têm em comum tentar prever o tipo de governo e as medidas que cada candidato adotaria se chegasse ao Planalto em março de 1990 (veja o box).

Vicente Dianezi Filho